

Reflexões sobre a urbanização brasileira: o caso de Vitória da Conquista (BA)

Elias Antonio Batista Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista - Bahia - Brasil
eliasantonio980@gmail.com

Sarah Sousa dos Santos Amaral

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista - Bahia - Brasil
sarahsantosbjs@gmail.com

Erlan Rocha do Nascimento

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista - Bahia - Brasil
erlan.rocha1999@gmail.com

Resumo: O presente artigo¹ tem como objetivo analisar a urbanização do município de Vitória da Conquista (BA). Para isso, utilizou-se uma metodologia qualitativa, especialmente baseada em revisão bibliográfica. Fez-se levantamento de uma base teórica sobre a urbanização brasileira, a fim de se ter uma visão mais ampla sobre essa temática e, concomitantemente, obter melhores apontamentos acerca de tal processo em Vitória da Conquista. Através desse estudo foi possível entender as dinâmicas que constituem o meio socioespacial, o qual, sob a égide capitalista, (re)produz um espaço desigual.

Palavras-chave: Urbanização brasileira. Vitória da Conquista. Capitalismo.

Introdução

O processo de urbanização não é só dotar uma área de infraestrutura e serviços, ou ainda ser reconhecido como o crescimento populacional urbano. Embora esses dois aspectos também façam parte do fenômeno (como resultados), urbanização, antes de mais nada, é um processo que se dá em uma materialidade histórica, expressando nesta materialização a formação econômico-social de/em dada sociedade (PINHEIRO, 2007).

¹ O presente texto é uma adaptação de trabalho de pesquisa feito na disciplina "Formação Territorial e Regionalização do Brasil", ministrada no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Vitória da Conquista.

Desse modo, esse processo é responsável pelo crescimento das cidades e modificações das estruturas sociais e espaciais, provocando novas dinâmicas e complexidades aos territórios. Com o surgimento da Revolução Industrial, ocorreram grandes transformações na economia mundial, como também no modo de vida dos sujeitos. Esse contexto ocasionou o chamado êxodo rural, isto é, pessoas que migram para as cidades “buscando” a garantia de uma vida melhor.

Nesse sentido, ao analisar o desenvolvimento dos núcleos urbanos no Brasil, Pinheiro (2007) divide o padrão de evolução destes em três momentos: 1) padrão compatível com o período colonial (se encerra após a Revolução de 1930); 2) padrão compatível com o período de industrialização (1930-1970); e 3) padrão compatível com o período da globalização, que se inicia na década de 1970 e permanece até aos dias atuais.

Sob essa perspectiva, com o desenvolvimento dos núcleos urbanos no Brasil, desenvolveu-se também as cidades de médio porte, as quais crescem vertiginosamente e exercem nítidas influências na rede urbana.

Assim, partindo de uma análise regional na Bahia, especificamente na região de origem do município de Vitória da Conquista (BA), pode-se observar que, ao longo dos anos, este último cresceu em grandes proporções e alcançou grande destaque nas mais variadas áreas (economia, educação, saúde, agropecuária etc.), o que, por sua vez, revela sua centralidade. Santos e Ferraz (2020) destacam que este núcleo tem certo papel de atração sobre as cidades que compõem sua região de influência, devido seus velhos e novos fixos instalados.

No esteio desse pensamento, objetiva-se, no presente artigo, refletir sobre aspectos da urbanização brasileira, buscando compreender a lógica deste processo, bem como analisar brevemente um caso específico, o do município de Vitória da Conquista (BA). A relevância do tema se mostra na tentativa de melhor compreensão da dinamicidade e contradições do atual território conquistense.

Para cumprir esse fim, a metodologia aqui usada tem caráter qualitativo, usando-se, fundamentalmente, de revisão bibliográfica, levando-se em consideração autores que discutem a temática proposta e ao espaço estudado, tais como: Milton Santos (1989), Pinheiro (2007) e Cardoso, Santos e Carniello (2011), entre outros, para compreender a urbanização brasileira; Souza (2001), Ferraz (2009), Santos e Ferraz (2020), IBGE (2020), entre outros, para compreender a história e urbanização de Vitória da Conquista.

A urbanização brasileira: do período colonial à contemporaneidade

O processo de urbanização inicia-se a partir do século XVIII na Europa, e enquanto isso, no Brasil, ocorriam várias expedições que buscavam metais preciosos. Neste mesmo século, o país enfrentou uma enorme reforma fomentada pelo Marquês de Pombal, tendo como consequência a expulsão dos jesuítas.

Olhando em retrospectiva, faz-se necessário recordar do período da colonização brasileira. Para Moraes (2008, p. 65), a colonização é, sobretudo, uma “afirmação militar”. Segundo ele:

A colonização é, antes de tudo, uma afirmação militar, a imposição bélica (mesmo que, num primeiro momento, diplomática) de uma nova dominação política. As estruturas produtivas preexistentes devem ser assimiladas à nova ordem, seja pela sua incorporação, seja pela sua destruição.

Fica então explicado o caráter violento desse processo. A esse período da urbanização brasileira, Pinheiro (2007, p. 63) denominou como padrão colonial. Inicialmente deu-se com “[...] a implantação de cidades como pontos fortificados, a partir do qual se irradia[va] o poder colonizador [...]”. Tal processo sujeitou os indígenas, apropriou e repartiu terras e reprimiu forças coloniais rivais.

Na economia, as atividades das cidades eram primárias e voltadas para o mercado externo. Em outras palavras, estas direcionavam-se a expropriar riquezas do espaço colonizado (MORAES, 2008).

Conforme o tempo avança e um capital local começa a “engatinhar”, viabiliza-se a construção de Estados. Porém, há de se observar que “[...] o novo Estado se constrói sempre sobre as estruturas econômicas, políticas e culturais preexistentes, isto é, herdadas do período colonial (para cuja funcionalidade foram erigidas)” (MORAES, 2008, p. 72). Também ocorreu desse modo no Brasil. Ademais, tal observação é importante pois o caráter de dominação externa, ao que parece, sempre esteve presente na história brasileira.

No Brasil, é somente no séc. XIX, devido o excedente propiciado pelas atividades desenvolvidas, que a vida comercial das cidades de fato ganhou vida. E, por causa dessa conjuntura, ocorreram as ditas “reformas urbanas”, especialmente as realizadas em prol da ideia de “embelezamento” (sob um ponto de vista elitista), isto é, segregação territorial.

Em meados do século XIX e início do século XX, finaliza-se o padrão de urbanização compatível com o período colonial e inicia-se a urbanização sob o padrão da

industrialização. A urbanização sob a industrialização perdurou pelos anos de 1930 a 1970 (PINHEIRO, 2007). A mesma ocorreu sob os moldes do capital, com a política desenvolvimentista implantada pelo governo após a Revolução de 30, consolidando e expandindo o capital industrial, dando-lhe facilidades e investimentos, e fazendo surgir o financeiro. É neste sentido que emerge o que Oliveira (1993) denomina de “região da indústria” (que outrora era “região do café”), tendo São Paulo como sua parte central. Tal conjuntura provocou a redefinição da divisão regional do trabalho brasileira.

De um lado, a concentração de capital na “região da indústria”, de outro, a espoliação do capital nordestino. Nos grandes centros urbanos desenvolveu-se redes de transporte e investiu-se no ramo tecnológico, ou seja, houve o desenvolvimento do meio técnico-científico (SANTOS, 1989). Entrementes, segundo Pinheiro (2007), concentração de capital é igual a concentração espacial e, por conseguinte, esse contexto gerou grandes fluxos migratórios de trabalhadores rurais às cidades (Figura 1), de modo que na década de 1970 a população brasileira se tornou majoritariamente urbana.

Os fluxos migratórios em direção a “região de indústria” vinham, consideravelmente, da região Nordeste. Nesse sentido, Oliveira (1993, p. 37) sintetiza o papel desta região na redefinição da divisão regional do trabalho, quando diz que:

Seu papel [...] passa a ser de um lado, sistematicamente, a reserva do exército industrial de reserva: as migrações Nordeste-São Paulo chegam a constituir um formidável contingente que vai suprir os postos de trabalho criados pela industrialização, e contribuir para manter baixos os níveis de salário real de toda a massa trabalhadora; por outro lado, os diferenciais da taxa de lucros começa a drenar o capital que ainda se formava no Nordeste; [...].

Subtende-se que o Nordeste se tornou supridor de força de trabalho – e força de trabalho barata. Além disso, com o desmonte dessa região, concomitante a “ascensão” do Sudeste, fez seu capital ser drenado.

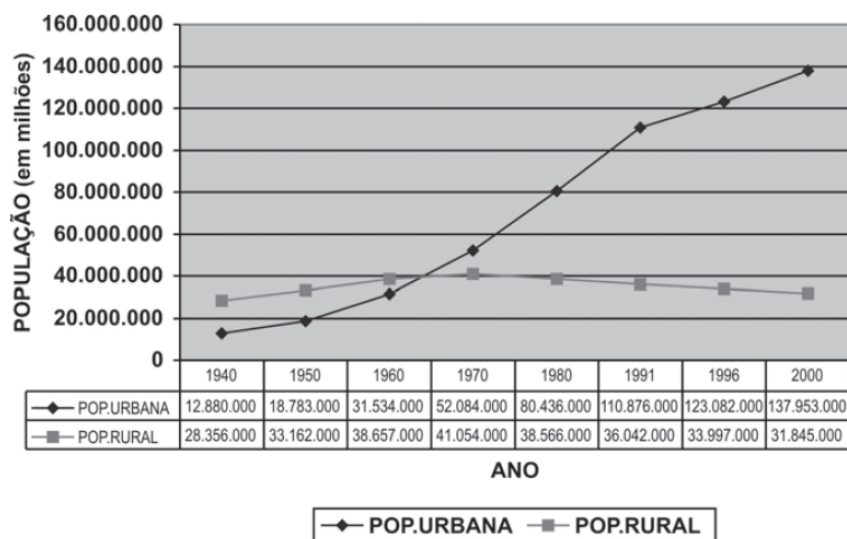


Figura 1: Gráfico da distribuição populacional brasileira nas décadas de 1940 a 2010
Fonte: PINHEIRO, 2007, p. 64

Como consequência desse crescimento acelerado e aparentemente desordenado, dentre outros aspectos, intensifica-se as desigualdades sociais, ocorre a favelização e cria-se um alto índice de pessoas desempregadas ou em situação de subempregos. Outrossim, movidos pela busca de uma propriedade (seja terra ou teto), ocorre o surgimento de movimentos sociais, como foi o caso do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Desse modo, a materialização do capitalismo no espaço se mostra de forma mais evidente e, definitivamente, submete “[...] a estrutura econômica a choques profundos” (PINHEIRO, 2007, p. 64).

Já o terceiro padrão de urbanização brasileira, sob a globalização, se inicia na década de 1970 e permanece até aos dias atuais (PINHEIRO, 2007). Esse período é marcado pelo declínio econômico, influenciada pela queda nas taxas de crescimento populacional, ocasionada principalmente pela queda na taxa de natalidade. Esse decréscimo da economia também está ligado às mudanças do fluxo migratório, pois, conforme Pinheiro (2007, p. 65): “Teoricamente, a migração pode ser vista como mobilidade da força de trabalho, diretamente vinculada com a criação, expansão e articulação dos mercados de trabalho na nação”. Se os mercados se diversificam no território, os trabalhadores seguirão esse rumo. Assim, diferentemente do período anterior, marcado principalmente pela migração rural-urbano, há agora também migração urbano-urbano, direcionada para cidades médias e pequenas.

A urbanização no período da industrialização deixou sequelas no território, as quais resultaram em “[...] aumento de oportunidades econômicas em localidades menores, escassez de emprego em grandes centros urbanos, e piora das condições de vida

das famílias nessas áreas metropolitanas” (PINHEIRO, 2007, p. 65). Por conseguinte, houve o fortalecimento das cidades intermediárias e a tendência para a desmetropolização, ou seja, tendência à redistribuição no território das classes média e pobre (SANTOS, 1989).

Assim sendo, a urbanização é um processo que se encontra em constante mudança, ocorrendo de forma desigual, onde os espaços favorecidos por investimentos continuam sendo favorecidos, e os desfavorecidos assim permanecem (PINHEIRO, 2007). É o que se denomina de “retroalimentação positiva”, “[...] nos quais os resultados de certas relações e decisões econômicas contribuem para sua própria continuidade” (IBGE, 2020, p. 70). Os trabalhadores, por sua vez, de modo geral, têm de sujeitar-se à habitação em locais periféricos e precários.

Quando se fala em “desordem”, é possível refletir sobre as reais condições que a classe marginalizada vivencia dentro desse contexto, no que tange o preconceito que o homem do campo, expropriado de sua terra ou sem trabalho devido à modernização, está sujeito a encarar diariamente, haja vista que, na busca pela sobrevivência, ele migra para a cidade. Todavia, ao chegar nos centros, tem que se abrigar em zonas periféricas e degradadas, não conseguindo nada além do que integrar o exército industrial de reserva e, quando muito, se sujeita – quando encontra – a trabalhos precarizados. Portanto, a divisão territorial do trabalho proveniente da urbanização é “[...] mais intensa e mais extensa” (SANTOS, 1989, p. 7), intensificando o antagonismo entre as classes.

Segundo Pinheiro (2007, p. 66), ainda hoje, o Brasil expressa a condição de país de colonização europeia, onde “[...] o poder político está ligado ao patrimônio pessoal e o empresariado urbano cresceu [...] num sistema de favores mútuos com o Estado [...]”. Ademais, outro aspecto sobre o papel do Estado é o de intermediar o internacional-local, privilegiando o primeiro, ou seja, “obedecendo” à dominação externa via globalização.

É nesse processo que as cidades vão se moldando, e a sociedade que a anima conjuntamente, num vai-e-vem dialético, isto é, transforma e ao mesmo tempo é transformada. Cardoso, Santos e Carniello (2011, p. 2) destacam que “[...] os espaços são mutáveis e uma condição importante para a mudança dos espaços é a interferência do homem nesse processo, tanto como agente transformador como também de agente transformado do processo de urbanização”.

A urbanização em Vitória da Conquista (BA): alguns apontamentos

Vitória da Conquista é um município da Bahia localizado no Território de Identidade do Sudoeste Baiano (Figura 2).

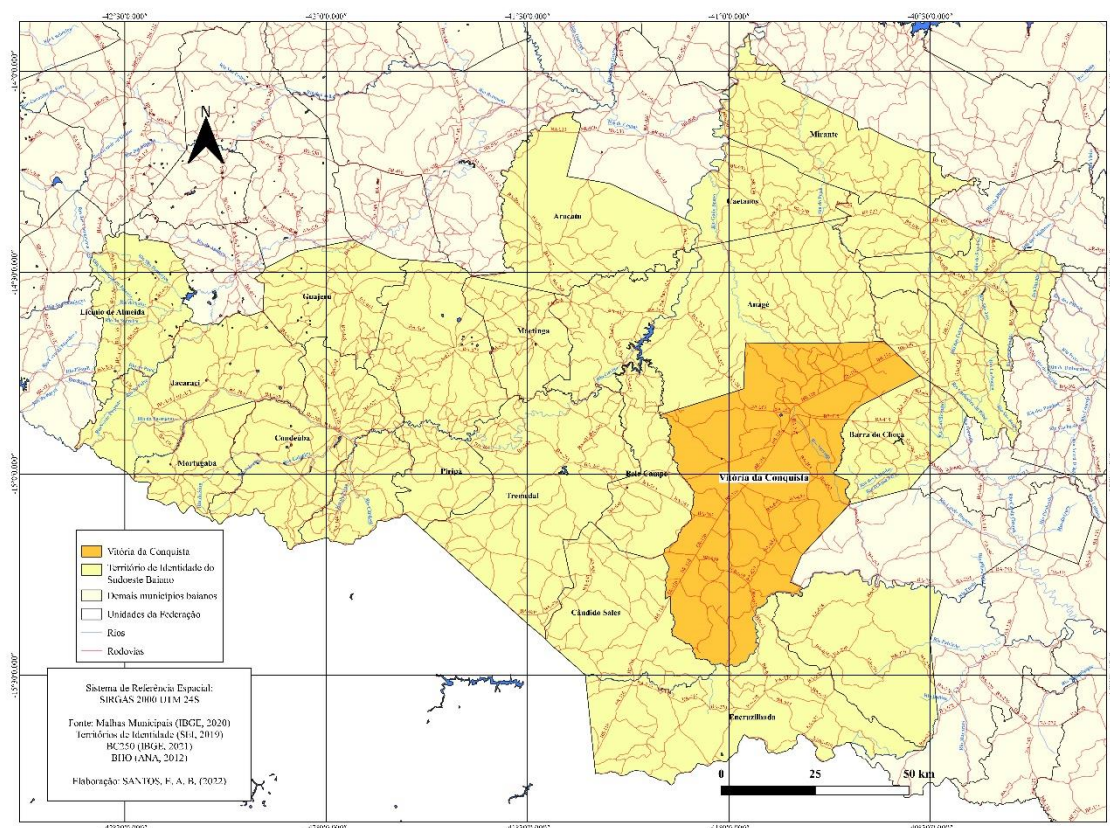


Figura 2: Localização de Vitória da Conquista (BA) no Território de Identidade do Sudoeste Baiano
Fonte: Elaborado por SANTOS, E. A. B. (2022)

A análise da urbanização brasileira, de forma geral, proporciona as bases para se analisar a urbanização de forma particular. É justamente isso que se intenta fazer a seguir.

A origem da formação do município que hoje se conhece como Vitória da Conquista remonta à expedição realizada por portugueses ao Sertão da Ressaca² em 1752, uma área estratégica capaz de ligar o sertão ao litoral, se estendendo desde as margens do rio Pardo até o rio das Contas. O objetivo era tríplice: “[...] fundar um povoado, procurar ouro e criar gado” (FERRAZ, 2009, p. 41).

² “O nome Sertão da Ressaca pode ser derivado tanto do fenômeno de invasão das águas dos rios sobre o sertão, semelhante ao fenômeno marinho, como da palavra ressaca, que corresponde à funda baía de mato baixo circundada por serras” (PMVC, 2012a, 2012b, s/p.).

Contudo, é importante salientar que esse processo foi permeado por conflitos e violência, haja vista que a ocupação dessa área esteve intimamente ligada ao extermínio dos povos originários:

As nações indígenas que habitavam o centro sul da Bahia – mongoiós, pataxós e [ymb]orés – [...], a exemplo do que ocorreu em outras regiões, foram alvo de constantes ataques dos colonizadores, resultando na sua expulsão e paulatina destruição (SOUZA, 2001, p. 76).

Essas tribos que aí viviam e se abrigavam, foram exterminadas com o avanço dos portugueses (SOUZA, 2001), ao passo que, ao procurar por minas, pedras preciosas e expansão das atividades agrárias, as aldeias indígenas eram tidas como “obstáculos” para o projeto colonialista, já que os mesmos defendiam a si, bem como seus territórios.

Nessa configuração, Souza (2001) ressalta que a maior parte da colonização obedecia ao comando do sertanista João Gonçalves da Costa, considerado o fundador da referida cidade (à época, a ocupação foi denominada “Arraial da Conquista”). Entretanto, os escritos sobre ele se abstêm de discutir o caráter violento da construção desse núcleo.

Primeiramente, João Gonçalves da Costa enfrentou os ymborés (também conhecidos como botocudos), os quais foram escravizados com ajuda e aliança dos mongoiós. Nesse contexto, é importante ressaltar que:

[...] João Gonçalves da Costa soube muito bem aproveitar-se das disputas entre mongoiós, pataxós e botocudos. Isto, evidentemente, enfraqueceu as possíveis reações indígenas e abriu perspectivas de alianças. As evidências indicam que, sem o auxílio dos mongoiós, seria muito mais difícil derrotar as populações nativas arredias (SOUZA, 2001, p. 89).

Em seguida, o ataque se direcionou aos pataxós, que “[...] acabaram se refugiando para o sul da Bahia, onde, em número reduzido, permanecem até hoje, lutando para preservar sua identidade e seus costumes” (PMVC, 2012b). Por fim, apesar de conseguir obter relações mais “amigáveis” com o sertanista, os mongoiós também foram escravizados.

Um episódio marcante envolvendo esse último povo foi o que ficou conhecido como “banquete da morte”. Os mongoiós “[...] foram chamados a festejar uma suposta trégua e, depois de consumirem bebida alcoólica, foram cercados por soldados, que mataram quase todos os presentes, inclusive mulheres e crianças” (PMVC, 2012b, s/p.).

Outrossim, começa-se a chegar nessa ocupação os primeiros rebanhos bovinos. Os índios escravizados, por sua vez, foram obrigados a trabalhar na derrubada de matas e na abertura de estradas. Seu lar virou pasto e seu próprio algoz tornou-se proprietário de gado (PMVC, 2012b). Diante disso, o desfecho prático de tais investidas foi a

destruição dessas nações indígenas, as quais sentiram na própria pele as consequências do processo de colonização.

Na esteira desse pensamento, pode-se observar que desde sua gênese até derradeira configuração atual, alguns aspectos históricos e geográficos foram importantes para o desdobramento econômico e territorial de Vitória da Conquista. Os principais, segundo Ferraz (2009), foram:

- A localização da cidade que estabelece uma conexão do litoral do estado com o interior do Brasil;
- A abertura de rodovias, como a BR 116, que auxiliaram nas migrações, desenvolvimento dos comércios, saúde e educação, realizando conexão desse núcleo com outras localidades;
- A implantação da lavoura cafeeira, que aumentou o crescimento populacional e trouxe novas dinâmicas.

Esses processos fizeram com que uma grande rede se desenvolvesse, proporcionando à cidade um lugar de destaque na hierarquia urbana baiana. Porém, tal processo foi estritamente desigual. Sobre as rodovias, Ferraz (2009, p. 51) destaca a importância delas no processo de urbanização quando diz que:

A abertura de rodovias, como a Ilhéus-Lapa (BA 415) e a Rio-Bahia (BR 116), resgatou as características históricas dessa localidade, importantes para o estudo de redes: lugar de passagem, entroncamento e apoio aos viajantes. [...] Essas rodovias facilitam o processo de urbanização, influenciam o direcionamento e o crescimento da cidade, as migrações, o desenvolvimento do comércio, dos serviços de saúde e de educação [...].

Através da construção dos fixos viabilizou-se os fluxos, e estes últimos originaram as redes (CORRÊA, 1993). Nessa perspectiva, houve um aumento significativo do fluxo de transporte e uma maior complexidade da mobilidade urbana no/do município. Por conseguinte, a fim de se ter uma maior regulação, a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista criou a Secretaria de Mobilidade Urbana (SEMOB), que é responsável por todo processo administrativo e planejamento do trânsito municipal.

Ademais, além dos fixos e fluxos, cabe salientar que um importante fator na expansão da estrutura urbana do município foi a implantação da lavoura cafeeira em meados de 1970 (LEBRÃO, 2016). Por intermédio das ações do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o Estado considerou o Planalto da Conquista favorável ao cultivo dessa cultura. Ao territorializar-se no campo, o capital cafeeiro agiu em dois sentidos: 1) na

desocupação das terras em que viviam os camponeses; e 2) na atração de migrantes para trabalho sazonal. Esse processo foi caracterizado por um crescimento espraiado da cidade, dando origem a uma periferia criada e pensada.

A mobilidade do trabalho ocasionada pelo café provocou nítidas dinâmicas demográficas e espaciais. Até a década de 1960, a população conquistense era majoritariamente rural. Entretanto, a partir de 1970 constata-se que a maior parte da população se torna urbana, de forma a aumentar progressivamente ao longo dos anos (Tabela 1).

Tabela 1: Crescimento e distribuição populacional de Vitória da Conquista (BA) nas décadas de 1940 a 2010

Períodos	População Urbana	População Rural	População Total	População da cidade	Grau de Urbanização (%)
1940	11.884	62.559	74.443	7.682	15,96
1950	23.553	73.111	96.664	17.503	24,37
1960	53.429	90.057	143.486	46.778	37,24
1970	84.053	41.520	125.573	82.230	66,94
1980	127.512	43.107	170.619	125.516	74,73
1991	188.351	36.740	225.091	180.063	83,68
2000	225.454	36.949	262.494	215.182	85,89
2010	274.739	32.127	306.866	260.260	89,53

Fonte: Santos e Ferraz (2020, p. 734)

Decorreu uma expansão horizontal do espaço urbano, sobretudo pelo fato da Prefeitura da cidade, para atender à questão habitacional, implantar maciçamente loteamentos na periferia, onde não existia infraestrutura urbana (LEBRÃO, 2016).

Na década de 1980, contudo, ocorre a crise cafeeira. Trabalhadores de Vitória da Conquista e Barra do Choça (BA) organizam uma greve que, embora os números não sejam exatos, consta de 10.000 trabalhadores. Foi a partir dessa conjuntura que o setor terciário ganhou força:

A educação, a rede de saúde e o comércio se expandem, tornando Conquista a terceira economia do interior baiano. Esse polo variado de serviços atrai a população dos municípios vizinhos. [...] um polo industrial passou a se formar em Vitória da Conquista, com a criação do Centro Industrial dos Ymborés. A partir dos anos 1990, os setores de cerâmica, mármore, óleo vegetal, produtos de limpeza e estofados entram em plena expansão (PMVC, 2012c, s/p.).

Nesse sentido, pode-se perceber que o processo de urbanização desse núcleo, assim como das demais cidades do Brasil, se deu pela lógica de desenvolvimento capitalista, produzindo um espaço desigual.

Atualmente, Vitória da Conquista continua crescendo. É no Regiões de Influência das Cidades (REGIC) de 2018, que tais observações são constatadas. O REGIC teve como base “[...] a Teoria dos Fluxos Centrais de Taylor, que incorpora a Teoria das Localidades Centrais de Christaller a aportes teóricos próprios, [...]” (IBGE, 2020, p. 69). Nele, as cidades foram classificadas

[...] a partir das funções de gestão que exercem sobre outras Cidades, considerando tanto seu papel de comando em atividades empresariais quanto de gestão pública, e, ainda, em função da sua atratividade para suprir bens e serviços para outras Cidades. O alcance desse comando e atratividade no território corresponde à delimitação de sua área de influência, ou seja, quais Cidades estão subordinadas a cada centralidade classificada na pesquisa (IBGE, 2020, p. 11).

Sob esse aspecto, foi definida uma hierarquia dos centros urbanos, divididos em 5 níveis: o maior deles, as metrópoles (subdivididas em: grande metrópole nacional; metrópole nacional; e metrópole); seguido das capitais regionais (subdivididas em A, B e C); centros sub-regionais (divididos em A e B); centros de zona (divididos em A e B) e os centros locais, os menores na hierarquia.

Vitória da Conquista foi considerada como capital regional, na subdivisão B. As capitais regionais são “[...] centros urbanos com alta concentração de atividades de gestão, mas com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrópoles” (IBGE, 2020, p. 11). Nessa perspectiva, é possível perceber que Vitória da Conquista exerce grande importância e tem grande destaque (Figura 3).

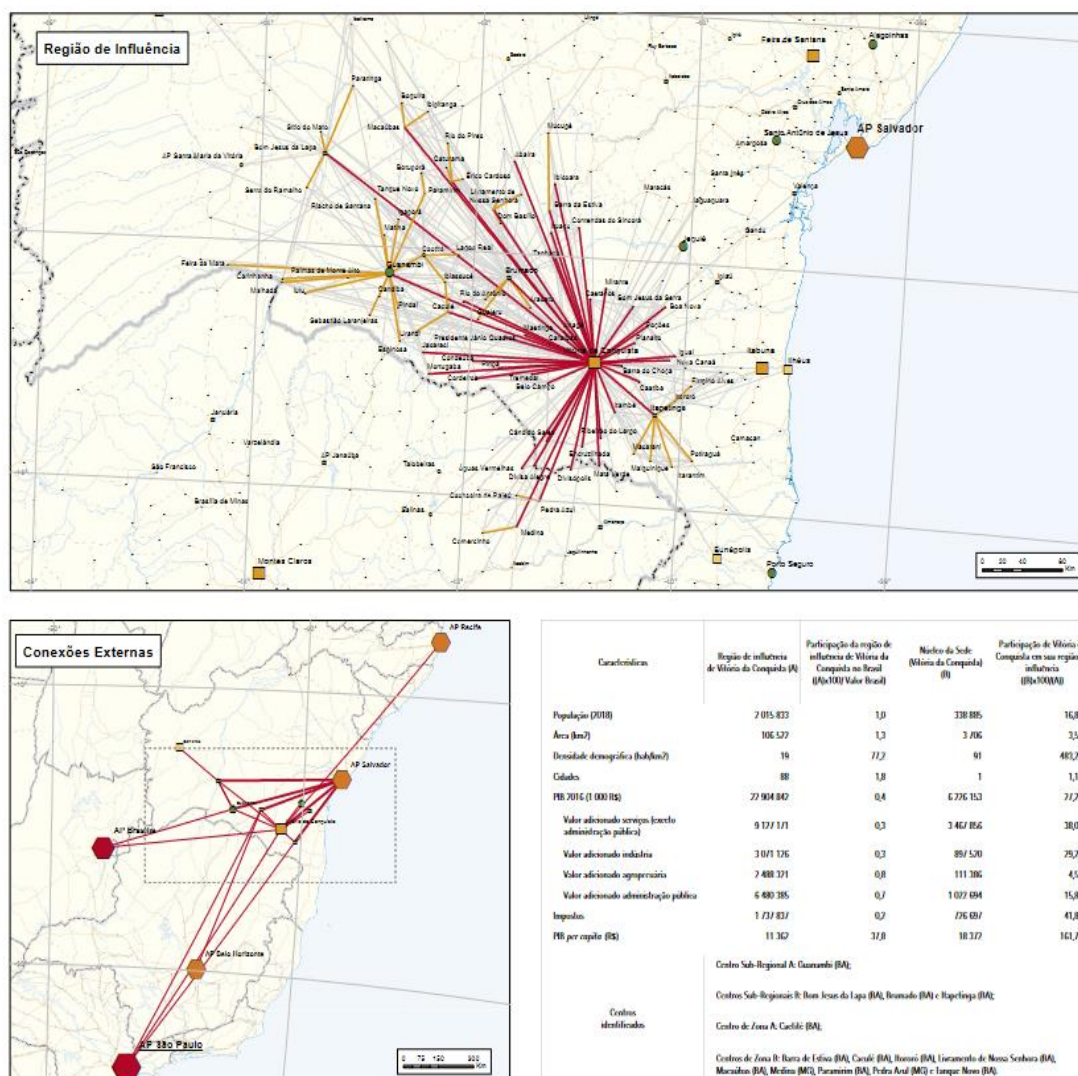


Figura 3: Região de influência de Vitória da Conquista (BA), capital regional B, segundo o REGIC, 2018
Fonte: IBGE, 2020, p. 50

Conforme se observa, devido ao grande número de serviços oferecidos, a mesma se apresenta como um ponto de atração para várias pessoas que se deslocam em busca destes (SEI, 2015). Em 2009, 70% do PIB municipal era proveniente desse setor (PMVC, 2012e). Conforme se observa no REGIC, sua região de influência se estende até o norte de Minas Gerais, aglutinando no total 88 cidades.

Ademais, os mercados fundiário e imobiliário têm provocado o espraiamento da malha urbana e novas configurações espaciais têm sido produzidas (SANTOS; FERRAZ, 2020). A título de conclusão desse tópico, no quadro a seguir sintetiza-se alguns fatos históricos marcantes na história do que hoje se conhece como Vitória da Conquista.

Quadro 1: Eventos marcantes na história de Vitória da Conquista

EVENTOS	ANO
Expedição ao Sertão da Ressaca e surgimento do Arraial da Conquista	1752
Banquete da Morte	Década de 1800
Criação da primeira escola pública	1832
Elevação à condição de Vila Imperial da Vitória	1840
Elevação à categoria de cidade, sendo denominada Conquista. Instalação da Câmara de Vereadores	1891
Fundação da Santa Casa de Misericórdia	1914
Abertura da rodovia Ilhéus-Lapa (BA 415)	1940
O nome do município passou a ser Vitória da Conquista	1943
Abertura da rodovia Rio-Bahia (BR 116) pelo presidente João Goulart	1963
Criação da Faculdade de Formação de Professores (com os cursos de Letras e Ciências Sociais)	1969
Implantação da lavoura cafeeira	Década de 1970
Criação do Distrito Industrial dos Ymborés	1975
Crise do café e expansão do setor de serviços	Década de 1980
Transformação da Faculdade de Formação de Professores para Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	1980
Criação do Hospital Geral de Vitória da Conquista	1994
Implantação de unidade do Centro Federal de Educação e Tecnologia da Bahia (CEFET)	1996
Inauguração do Anel Rodoviário	2002
Abertura do primeiro grande shopping center da região	2006
Segundo o Censo de 2010, é considerada a 3ª cidade com maior quantitativo populacional da Bahia	2010

Fonte: Ferraz (2009), PMVC (2012b, 2012c, 2012d) e Lebrão (2016)

Dessa maneira, pode-se perceber que, seja em uma escala nacional ou regional, há um certo padrão de crescimento das cidades, as quais se encontram na necessidade de terem uma crescente expansão para acompanhar o desenvolvimento econômico e social do país e do mundo. Nesse sentido, tal desenvoltura traz consequências em diferentes setores que compõem o espaço urbano e rural.

Considerações finais

Constata-se que a urbanização é um processo ainda em movimento, responsável pelo crescimento das cidades e modificações das estruturas sociais e espaciais, trazendo novas dinâmicas e complexidades aos territórios.

No Brasil, esse fenômeno pode ser dividido em três períodos, onde cada qual seguiu um tipo de “padrão”: o da colonização (que termina em meados da década de 1930); o da industrialização (que ocorre entre os anos de 1930 a 1970) e o da globalização, que se inicia nos anos de 1970 e perdura até os dias de hoje.

Tais mudanças ocorreram de modo desigual, em que os grandes centros urbanos receberam mais investimentos. Em detrimento disso, houve o êxodo rural, que fez surgir o exército industrial de reserva. Outrossim, as desigualdades foram intensificadas, ocorreu a favelização, aumento da violência, falta de oportunidades de emprego, entre outros aspectos.

Tais processos podem ser exemplificados ao analisarmos o município de Vitória da Conquista. Pudemos perceber que sua gênese e desenvolvimento estão relacionados às expedições portuguesas aqui realizadas, visada por ser uma localidade apropriada para ligar sertão ao litoral. O extermínio dos povos originários foi algo intrínseco a esse processo.

A implantação da lavoura cafeeira, sua localização e a abertura de rodovias como a BR 116, são fatores principais para se pensar como o município se urbanizou. No esteio desse pensamento, constatou-se que o processo de urbanização, que em termos gerais se dá pelo crescimento da cidade em detrimento do esvaziamento dos espaços rurais, produziu dinâmicas para a formação das cidades, as quais impactaram nos modos de vida da população.

REFLECTIONS ON THE BRAZILIAN URBANIZATION: THE CASE OF VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)

Abstract: This article aims to analyze the urbanization of the municipality of Vitória da Conquista (BA). For this, a qualitative methodology was used, especially based on a bibliographic review. A survey of a theoretical basis on Brazilian urbanization was carried out, in order to have a broader view on this theme and, concomitantly, to obtain better notes about this process in Vitória da Conquista. Through this study, it was possible to understand the dynamics that constitute the socio-spatial environment, which, under the capitalist aegis, (re)produces an unequal space.

Keywords: Brazilian urbanization. Vitória da Conquista. Capitalism.

REFLEXIONES SOBRE LA URBANIZACIÓN BRASILEÑA: EL CASO DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la urbanización del municipio de Vitória da Conquista (BA). Para ello, se utilizó una metodología cualitativa, especialmente basada en una revisión bibliográfica. Se realizó un levantamiento de base teórica sobre la urbanización brasileña, con el fin de tener una visión más amplia sobre este tema y, concomitantemente, obtener mejores notas sobre este proceso en Vitória da Conquista. A través de este estudio fue posible comprender las dinámicas que constituyen el entorno socioespacial que, bajo la égida capitalista, (re)produce un espacio desigual.

Palabras clave: Urbanización brasileña. Vitória da Conquista. Capitalismo.

Referências

CARDOSO, Estélio José; SANTOS, Moacir José dos; CARNIELLO, Monica Franchi. O processo de urbanização brasileiro. *In: XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba*, 2011, p. 1-4. **Anais...** Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/0088_0295_01.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. Redes, fluxos e territórios: uma introdução. *In: 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, 3, 1993. **Anais...** Rio de Janeiro, p. 31-32. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/3simposiogeografiaurbana.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. de 2022.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. Abrindo as cortinas: um pouco da história de Vitória da Conquista. *In: O espaço em movimento: o desvelar da rede nos processos sociotécnicos do sistema de saúde de Vitória da Conquista - Bahia*. 2009. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2009. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5421/1/ANA_EMILIA_QUADROS_FERRAZ.pdf>. Acesso em: 28 de abr. de 2021. p. 41-64.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2021.

LEBRÃO, Jemeffer Souza. Introdução. *In: As mulheres do café em Vitória da Conquista: dinâmica histórico-espacial da mobilidade do trabalho e a (re)produção da periferia urbana*. 2016. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2016. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11569/1/Arquivototal.pdf>>
. Acesso em: 16 de jun. de 2022. p. 21-28.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Formação colonial e conquista de espaço; Ideologias geográficas e projetos nacionais no Brasil. *In: Território e História no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2008 [2004]. p. 61-73, 90-103.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**: Sudene e Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993 [1977].

PINHEIRO, Karisa. Bases teóricas gerais sobre urbanização no Brasil. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador (BA), v. 9, n. 15, p. 61-68, jan. 2007. Disponível em:
<<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/download/1006/785>>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA. **Primeiros habitantes**, 2012a. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/primeiros-habitantes/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA. **Conflitos**, 2012b. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/conflitos/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA. **Crescimento**, 2012c. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/crescimento/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA. **Cronologia**, 2012d. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/cronologia>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA. **Economia**, 2012e. Disponível em: <<https://www.pmvc.ba.gov.br/economia/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

SANTOS, Milton. Materiais para o estudo da urbanização brasileira no período técnico científico. **Boletim Paulista de Geografia (BPG)**, n. 67, p. 5-16, 1989. Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/download/942/835>>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

SANTOS, Wanderson Oliveira; FERRAZ, Ana Emília de Quadros. Urbanização e produção do espaço urbano em Vitória da Conquista - BA: novas formas e conteúdos. **Braz. J. of Develop**, Curitiba (PR), v. 6, n. 1, p. 729-740, Jan. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/5910/5295>>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

SOUZA, Maria Aparecida Silva de. **A Conquista do Sertão da Ressaca**: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia**. Salvador (BA): SEI, 2015. v. 1. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/perfil_dos_territorios/ptib_vol_01.zip>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

SOBRE OS AUTORES

Elias Antonio Batista Santos é graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Sarah Sousa dos Santos Amaral é graduanda em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Erlan Rocha do Nascimento é graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Recebido em 02/08/2022

Aceito em 01/02/2023